

Razão e Desrazão: A História da Loucura de Michel Foucault

Reason and Unreason: The History of Madness of Michel Foucault

Prof^ª Dr^ª. Aline Lemos Feier
Universidade Estadual de Goiás

“A alma dos loucos não é louca”

Michel Foucault

Resumo: Este texto tem como propósito uma análise da obra *A História da loucura: na idade clássica* (1961), escrito por Michel Foucault, na segunda metade do século XX, é uma obra que demonstra um crescente diagnóstico que veio se ampliando daquele momento até o presente dia, com as discussões em torno da loucura, e do entendimento que se tem deste termo. A escolha desta obra que já tem seus cinquenta anos, se justifica por seu impacto na historiografia contemporânea, e por seu impulso nos estudos a respeito da loucura. *A História da Loucura* nos apresenta uma perspectiva para pensar a loucura de modo a entendermos este sujeito, não como um alienado, mas como integrante de uma sociedade que não o integrou. O artigo procura fazer um breve caminho sobre a concepção de loucura, e como ela foi compreendida ao longo da história.

Palavras-chave: loucura, alienação, normalidade, patológico

Abstract: This text aims to an analysis of the work *The History of Madness: the classical age* (1961), written by Michel Foucault, in the second half of the twentieth century, is a work that demonstrates increasing diagnosis that came to extending that time to the present day, with discussions around the madness, and understanding that has this term. The choice of this work already has his fifties, is justified by its impact on contemporary historiography, and its momentum in studies about madness. *The History of Madness* presents a perspective to think the madness so understand this guy, not as alienated, but as a member of a society that integrated it. The article is a short way on the design of madness, and how it has been understood throughout history.

Keywords: Madness, alienation, normality, pathology

1.1 Uma introdução à origem da loucura

Didier Eribon se propôs a fazer uma biografia de alguém que não a queria, mas como o próprio Eribon disse: a partir do momento em que resolveu escrever livros, artigos, falar em colóquios e se expressar publicamente de diversas outras formas, Michel Foucault estaria se colocando nesta possibilidade. E que com o livro intitulado *Michel Foucault: Uma biografia por Didier Eribon* se efetivava. Assim: “o século: quer dizer nosso mundo, em que o rosto de Foucault parece gravado por muito tempo e se recusa a desaparecer”¹. Começa a se tornar mais claro, mais palpável, visível. Um Foucault que estava em seu tempo, que escreve sobre ele, e o que o inquietava nele.

Este texto tem como propósito uma análise da obra *A História da loucura: na idade clássica* (1961), escrito por Michel Foucault, na segunda metade do século XX, é uma obra que demonstra um crescente diagnóstico que veio se ampliando daquele momento até o presente dia, com as discussões em torno da loucura, e do entendimento que se tem deste termo. A escolha desta obra que já tem seus cinquenta anos, se justifica por seu impacto na historiografia contemporânea, e por seu impulso nos estudos a respeito da loucura. *A História da Loucura* nos apresenta uma perspectiva para pensar a loucura de modo que entendemos este sujeito, não como um alienado, mas como integrante de uma sociedade que não o integrou. As concepções de loucura vão ao longo da narrativa demonstrando uma mudança na sociedade, e as percepções dos indivíduos sobre a loucura.

A História da Loucura é por muitos enquadrada na corrente teórica do estruturalismo, esta por sua vez não se caracteriza necessariamente como uma corrente histórica, mas como um método de abordagem que surgiu para analisar a língua em seus diversos aspectos como culturais, filosóficos, matemáticos e sociais. Mas Michel Foucault, logo se cansou do rótulo de estruturalista. E ainda há os que afirmaram que:

Não, Foucault não era um pensador estruturalista.
Também não foi fruto de um certo <<pensamento de

¹ERIDON, Didier. *Michel Foucault uma biografia por Didier Eribon*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20.

1968>>); não era mais relativista do que historicista, nem do gênero de farejar ideologia por toda a parte. Coisa rara nesse século, ele foi, por confissão própria, um *céptico*; um céptico que acreditava unicamente na verdade dos inúmeros factos históricos que enchem todas as páginas dos seus livros, e nunca na verdade das ideias gerais. Ele não admitia qualquer transcendência fundadora².

As questões relacionadas à loucura e a espaços de internamento e exclusão ocuparam por muito tempo a mente do homem europeu, estes homens estavam passando por uma necessidade de excluir o chamado louco, dos ambientes visíveis da sociedade, este homem sentia a necessidade de construir ‘castelos’ e isolar os chamados loucos. Talvez por esta lembrança da ‘verdade’ que o louco fazia cada indivíduo ter, como se a loucura conduzisse “a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano”³. A loucura do outro nos mostra a nossa realidade louca. A insanidade do louco nos mostra o quanto podemos estar perto da loucura, o quanto a loucura faz parte da nossa vida.

A relação da sociedade com a loucura começa a ultrapassar os limites dos níveis políticos e sociais, agora a religião passa a adentrar nestes ambientes insanos, ambientes determinados a partir de sua exclusão social, de sua miséria que reina nestes espaços, e tornam estes indivíduos alheios à sociedade, o domínio destes pode significar o domínio de uma sociedade. Mas o domínio da loucura não é algo assim tão simples, o que acaba por produzir uma crise do mundo religioso, que não sabe mais como ‘visualizar’ este indivíduo que esta fora dos contornos da sociedade. “Como se este mundo, onde a rede de significações espirituais era tão apertada, começasse a se embaralhar, deixando aparecer figuras cujo sentido só se deixa apreender sob as espécies do insano”⁴.

As chamadas instituições religiosas, como as igrejas, por exemplo, começam em determinado momento usar deste artifício um tanto quanto novo da chamada loucura, para se auto promover, através

² VEYNE, Paul. *Foucault o pensamento a pessoa*. Tradução Luís Lima. 1ª Ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2009, p. 9.

³ FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 14.

⁴ FOUCAULT, 2005, p. 18

das doações e ‘bondades’ que esta pode ocasionar nos ambientes destinados a normalização destes indivíduos insanos. Seus fiéis agora passaram a fazer oferendas destinadas a um bem específico, que era a manutenção destas casas de correção.

Michel Foucault nos apresenta outra perspectiva desta chamada loucura, que parece atrair o homem do século XV, primeiro para criar as chamadas casas de internação, depois para isolar este homem destituído de sanidade, em seguida parece querer expulsá-lo para longe da sociedade, como num castelo isolado em uma ilha deserta. E por último, este mesmo indivíduo considerado insano, que hora era expulso da sociedade, agora é trazido ao seu encontro, mas sob outras perspectivas, como se a sociedade pudesse controlá-lo de perto.

A loucura começa a habitar os ambientes sociais e causar uma série de agitações, ela que antes queria afastar estes indivíduos singulares, agora os aproxima como que uma:

animalidade que escapou à domesticação pelos valores e pelos símbolos humanos; e se ela agora fascina o homem com sua desordem, seu furor, sua riqueza de monstruosas impossibilidades, é ela quem desvenda a raiva obscura, a loucura estéril que reside no coração dos homens⁵.

Michel Foucault nos apresenta um homem fascinado pela loucura, como se a loucura tomasse conta de sua vida, suas ações, e suas vontades. Uma loucura sedutora, que fascina grande parte da Europa Renascentista. “É que, de um modo geral, a loucura não está ligada ao mundo e a suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões”⁶.

A partir do século XV a loucura passa a ocupar espaços de reflexão política e religiosa. Os chamados loucos que há tempos eram reclusos em grandes castelos isolados da sociedade, agora, presentes nesta mesma sociedade, passam a ocupar as mentes dos chamados homens de bem. Pois estes ‘loucos’, possuem um poder, que começa a ser visto e acima de tudo disputado, por políticos e religiosos, a despeito de quem é a vez de pagar o dízimo, quem vai dominar esta loucura. Outra questão que se faz presente neste momento é exatamente, quem é o louco? Quem julga a sanidade mental de um

⁵ FOUCAULT, 2005, p. 20

⁶ FOUCAULT, 2005, p. 24

indivíduo? Como determinar a fronteira entre a razão e a loucura? Esta:

torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas recusam, mas uma fundamenta a outra⁷.

Michel Foucault (2005, p. 38) define inicialmente três tipos de loucura, a primeira delas a da vã presunção, que seria a mais extremada de todas, aquela que o indivíduo mantém uma relação imaginária consigo mesmo. “Nela engendram-se os mais quotidianos de seus defeitos. Denunciá-la é o elemento ao mesmo tempo primeiro e último de toda crítica moral”⁸. Já a loucura do justo castigo é aquela que pune um coração abalado através dos desordens do espírito, aquela que pune o louco para todo sempre com as suas desordens e seus fantasmas que se tornam reais, é a sua verdade sendo gritada aos quatro ventos. A última das loucuras a da paixão desesperada é aquela entre o amor e a loucura, e enquanto este objeto amado esta presente, o amor impera, depois que este se vai, pela morte, por exemplo, a loucura toma-se o lugar no espírito do indivíduo, a loucura da paixão desesperada impera.

Doravante esses pensamentos e atitudes sobre a loucura e o louco, são conduzidos a partir de uma aparência, a aparência do controle do louco, ou do domínio que a sociedade acredita ter sobre eles. “Em compensação, não se pode supor, mesmo através do pensamento, que se é louco, pois a loucura é justamente a condição de impossibilidade do pensamento”⁹. Esta incerteza da loucura toma conta da Europa, no século XVI, a sensação que se transmite, é que o louco esta agora tão inserido na sociedade, sociedade esta que trouxe ele para junto de si, e que agora não sabe mais separar o cidadão insano do cidadão sadio.

Essa visibilidade da loucura e dos estabelecimentos que deveriam cuidar destes loucos, se diversifica de tal forma que se torna

⁷ FOUCAULT, 2005, p. 30

⁸ FOUCAULT, 2005, p. 38

⁹ FOUCAULT, 2005, p. 46

necessário agrupar a administração destes estabelecimentos, como uma maneira de controla-los mais de perto, de saber acima de tudo quem vai entrar e sair destes. “O Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei: é a terceira ordem da repressão”¹⁰. Agora a loucura começa a se confundir com a pobreza, a sociedade começa a tratar os pobres como loucos, da mesma forma que se ‘limpa’ dos centros urbanos os loucos, ‘limpasse’ também os pobres, e é neste momento que as igrejas passam a participar consideravelmente da sociedade.

Cria-se a ideia de um Hospital Geral em cada cidade, mas o grande problema é que este não se assemelha a nenhuma ideia médica, é uma instância de ordem, ordem monárquica e burguesa. E neste entremeio, temos uma confusão constante da loucura com a pobreza. Chega o momento em que os loucos são bem-vindos nas cidades, essencialmente pelas igrejas. É a partir deles que estas instituições vão fazer suas caridades, vão se mostrar funcionais a ‘limpeza’ da cidade, o discurso da igreja é para que os habitantes se sensibilizem com este problema da presença dos loucos e pobres circulando nos centros urbanos e assim façam suas oferendas para que esta cumpra um de seus papéis, a caridade. Desta maneira a igreja não se mostra alheia aos problemas das cidades, ela se assemelha e se sensibiliza com eles, estabelece uma espécie de cumplicidade entre a burguesia e o poder real. Assim:

Nessas instituições também vêm-se misturar, muitas vezes não sem conflitos, os velhos privilégios da Igreja na assistência aos pobres e nos ritos da hospitalidade ajudar e a necessidade de reprimir; o dever de caridade e a vontade de punir; toda uma prática equívoca cujo sentido é necessário isolar, sentido simbolizado sem dúvida por esses leprosários, vazios desde a Renascença mas repentinamente reativados no século XVII e que foram rearmados com obscuros poderes¹¹, e a preocupação burguesa de pôr em ordem o mundo da miséria; o desejo de

Desta maneira estes hospícios, casas de correção, prisões, leprosários, ou outros nomes que podem ter recebido ao longo da Era Renascentista, se confundem, tornam-se várias instituições dentro de

¹⁰ FOUCAULT, 2005, p. 46

¹¹ FOUCAULT, 2005, p. 53

uma só, e passam a ter significações outras: políticas, sociais, religiosas, econômicas, morais, e que envolvem toda a sociedade, mas uma sociedade que em seu conjunto não está preparada para atender estes indivíduos, quer apenas isola-los dos centros urbanos. Assim sendo esta confusão que não determina quem deve habitar cada lugar, torna as cidades um ambiente ainda mais complexo e problemático.

Passamos agora a tatear o problema que estas instituições passam, e causam na sociedade. A partir do momento em que elas se confundem logo o mesmo acontece com os indivíduos que nela são cativos. Deste novo momento este gesto que a sociedade resolveu conceder a alguns de seus habitantes confere-lhe uma nova sensibilidade, a ideia de dever cumprido, de assistência social, esta é uma nova forma que a sociedade e quem a gerencia, encontrou para tratar os desempregados, pobres e ociosos que sempre estarão presentes em qualquer sociedade em processo de evolução, estes são habitantes comuns de qualquer cidade, e não podem ser confundidos com os sujeitos que necessitam de algum tipo de tratamento, ou cuidado médico. Mas “o pobre, o miserável, o homem que não pode responder por sua própria existência, assumiu no decorrer do século XVI uma figura que a Idade Média não teria reconhecido”¹².

Esta confusão em que as instituições foram alocadas, logo muda o comportamento dos habitantes desta mesma sociedade, e coloca-no no meio de uma manipulação de comportamentos, que hora a Igreja solicita a seus fiéis que façam caridade, hora esta mesma instituição expurga os pobres, portanto como disse Foucault¹³ não se trata mais de exaltar a miséria no gesto que a alivia, mas, simplesmente, de suprimi-la, a caridade também é uma desordem. Ou seja, a desordem é a ordem da cidade.

A cidade passa por transformações a justiça, as paróquias estabelecem relações para ocupar estas casas de correção, e acima de tudo, dar ocupação a quem ocupa estas casas, a miséria que ocupava as cidades agora estabelece uma relação intrínseca com a desordem que não é bem-vinda nas cidades. A relação entre o mendigo e o louco, é quase imperceptível neste momento a diferença entre ambos é mínima.

A importância da caridade para a igreja é extremada, esta muda seus modos de pensar para legitimá-la. Neste momento a igreja

¹² FOUCAULT, 2005, p. 56

¹³ FOUCAULT, 2005, p. 58

repugna os gestos individuais, pois estes tiram das mãos da igreja o mérito e o gesto da dignidade de fazer a caridade. A igreja deixa de fazer caridades individuais, a indivíduos em particular soltos nas ruas, muda seu discurso e passa a legitimar as casas de correção, ou hospícios levantados por ela mesma, e legitimadas agora como objeto de caridade coletiva, feita por seus fiéis, pois agora os pobres não são mais reconhecidos como enviados de Deus para suscitar a caridade, então recusar-se a dar esmolas a um pobre, a partir de agora não estaria mais recusando a caridade a Deus. Este gesto confortava de certa forma os fiéis católicos, e legitimava as caridades da igreja.

A partir destas relações com os pobres e com caridade, surgem ainda mais fortes os problemas que os hospícios tendem a enfrentar. A definição de quem é ou não ‘louco’, e como trata-lo, ainda era uma incógnita, pois a relação com a pobreza ainda não tinha se desfeito, os chamados pobres ‘maus’, seriam os loucos? Ou apenas aqueles que se recusassem a este tratamento, organizado em conjunto pela igreja e pela burguesia. O que se tem é que estes pobres ‘maus’ agora são tratados com repressão, e no futuro serão os que esta mesma sociedade não irá aceitar mais em seu convívio social, pois serão loucos.

Esse é o primeiro dos grandes, aros nos quais a era clássica irá fechar a loucura. Existe o hábito de dizer que o louco da Idade Média era considerado como uma personagem sagrada, porque possuído. Nada mais falso. Se era sagrado é porque, para a caridade medieval, ele participava dos obscuros poderes da miséria. Mais que qualquer outro, ele a exaltava¹⁴.

Neste momento a loucura faz parte da Europa, e passou com tempo grandes transformações, nos parece que ela foi criada, transformou-se o pobre em um sujeito expurgado pela sociedade, depois o isolou com doentes e leprosos, deste momento de isolamento para a loucura, a distancia era insignificante e seria ultrapassada a qualquer instante. Agora a “loucura só terá hospitalidade doravante entre os muros do hospital, ao lado de todos os pobres. [...] Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral”¹⁵.

¹⁴ FOUCAULT, 2005, p. 62

¹⁵ FOUCAULT, 2005, p. 63

Temos uma imagem muito clara de como o louco foi criado ao longo da história, ele num momento era bem recebido, pois vinha de outro mundo, e servia a caridade, e a filantropia, em seguida este mesmo indivíduo é expulso das cidades pela mesma condição que antes era bem-vindo, ele torna-se um “outsider”, um sujeito sem lugar, que expulso da sua terra, também não é bem-vindo na nova terra. Agora este sujeito se destaca nas cidades e se transforma num caso de polícia, que para desodorizar as cidades, torna-las cada vez mais ‘limpas’, aloca-se este indivíduo dentro destas casas de correção, ou hospícios. Temos aí à criação do louco, em favor da limpeza das cidades, purifica-lá da presença dos pobres. Pois:

A olfação, por si só, permite detectar o pobre: os médicos pensam então que as doenças são transmitidas, não pelo contágio, mas pela infecção — sobretudo da água e do ar. Na perspectiva dessa medicina infeccionista, o olfato serve para designar os perigos: perigo da fermentação dos alimentos, da podridão das carnes, do confronto com o outro, que, justamente, cheira mal. Esse processo de distinção social pela desodorização me pareceu essencial para entender a sociedade do século XIX¹⁶.

A loucura surge assim num estreito caminho com a miséria e a pobreza, que agora não é mais acolhida pelos peregrinos e fiéis, e é vista como perturbação da ordem e do espaço público. E o importante de se salientar como tido por Michel Foucault¹⁷ antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, ou que gostamos de supor que atribuímos, o internamento foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura, ou seja, a ‘ideia’ de loucura surge sem preocupação com a cura, mas com a limpeza e a desodorização das cidades.

O interessante de se perceber como a gerência das cidades, resolveu o problema dos pobres e desempregados, que não poderiam ser tratados como loucos, e/ou doentes, mas a diferença entre ambos era mínima, os dois arruinavam a imagem das cidades, poluíam os ambientes, deixavam seu odor nada agradável pairar pelos ares das cidades. A nova ideia deseja banir os pobres do continente, transferi-los para as terras recém-descobertas, Brasil. Tem-se a intenção de punir o pobre, por ele não ter emprego, corrigi-lo como se isso fosse

¹⁶ VIDAL, , Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, nº 49, p. 11-31, 2005 p. 18.

¹⁷ FOUCAULT, 2005. p. 63.

um erro, uma intencionalidade. Neste momento percebe-se a relação intrínseca entre pobres, loucos e insanos.

Entende-se agora que a criação destes chamados ‘Hospitais Gerais’, que surgem extra oficialmente para cuidar dos loucos e leprosos, servem de tempos em tempos para cuidados econômicos, tratando e acolhendo pobres e desempregados, quando em momentos de crise nas cidades, ou seja, quando o número de desempregados eleva-se significativamente, os Hospitais Gerais, voltam a sua função real, limpar os cidades dos mal cheirosos, incluindo pobres, loucos, desempregados, vagabundos, e quantos necessitarem de seus serviços a favor do governo.

Mas fora dos períodos de crise, o internamento adquire um outro sentido. Sua função de repressão vê-se atribuída de uma nova utilidade. Não se trata mais de prender os sem trabalho, mas de dar trabalho aos que foram presos, fazendo-os servir com isso a prosperidade de todos. A alternativa é clara: mão-de-obra barata nos tempos de pleno emprego e de altos salários; e em período de desemprego, reabsorção dos ociosos e proteção social contra a agitação e as revoltas. Não nos esqueçamos que as primeiras casas de internamento surgem na Inglaterra nas regiões mais industrializadas do país¹⁸.

Isto demonstra uma associação que se fazia entre os problemas da cidade, e a grande ociosidade que pairava pelo ar destas mesmas, e a solução para estas possíveis desordens era o trabalho. Então colocar os homens nestas casas de correção e força-los a executar uma atividade, foi à maneira encontrada pela sociedade para, ordenar a desordem das cidades e ocupar os desocupados. Podemos perceber que as casas de internamento por sua origem funcional foram um fracasso, a relação que as casas criaram desde cedo, uma relação muito intrínseca com a pobreza, fato que guiou elas ao fracasso.

Agora o trabalho antes necessário nas casas de correção, passa a ser visto com maus olhos, pois começam a rivalizar os loucos com os pensioneiros, homens honestos, que tendes problemas para conseguir emprego, visto que as casas de correção disseminadas por todo o país se ocupam destes ofícios. Os Hospitais Gerais e as casas de correção são criados inicialmente para suprimir a mendicância, mas

¹⁸ FOUCAULT, 2005, p. 67.

com o advir dos tempos assumem outros papéis, que agora se contradizem entre qual função deve seguir.

A partir deste momento a loucura já é percebida como um problema social, que não pode mais ser ignorado, mas usado a favor do bem social. Os asilos ocupam-se dos leprosos, e a igreja volta aos seus ritos sociais e sua presença constante nas cidades. “É nesses lugares da ociosidade maldita e condenada, nesse espaço inventado por uma sociedade que decifrava na lei do trabalho uma transcendência ética, que a loucura vai aparecer e rapidamente desenvolver-se ao ponto de anexá-los”¹⁹.

O louco perturba a ordem social, pois ele atravessa sozinho um limite sacro, alienando-se fora da ética exigida pela sociedade burguesa da época. Agora a igreja entende que apenas a penitência, não corrigiria o problema deste novo sujeito social, este sujeito necessitaria de um modelo mais autoritário para sua cura se efetivar, assim como dito por Foucault, essas casas de internamento agora são o exemplo de mito da felicidade cuja ordem é estabelecida nas cidades a partir de suas funções policiais, de rigor e autoridade.

“Do outro lado desses muros do internamento não se encontram apenas a pobreza e a loucura, mas rostos, bem mais variados e silhuetas cuja estatura comum nem sempre é fácil de reconhecer”²⁰. Neste sentido a relação da loucura com a pobreza e todos os pressupostos que dela se fizeram emergir a indústria psicanalítica, nos faz lembrar que dentro dos muros destes hospícios, casas de correção, internamento, asilos, existem um número heterogêneo de indivíduos que a sua distinção se torna uma tarefa muito complexa. E a esta tarefa complexa, exige-se uma sensibilidade reguladora, pois é esta sensibilidade reguladora que decide pela internação ou libertação do indivíduo.

“E aos poucos esta primeira percepção se teria organizado, e finalmente aperfeiçoado, numa consciência médica que teria formulado como doença da natureza aquilo que até então era reconhecido apenas como mal-estar da sociedade”²¹. Neste momento começa a nos ser apresentada a loucura como uma doença, e não apenas como um mal-estar criado por uma sociedade desorganizada. Começamos a encarar a loucura com outras perspectivas:

¹⁹ FOUCAULT, 2005, p. 73

²⁰ FOUCAULT, 2005, p. 79

²¹ FOUCAULT, 2005, p. 80

Mas não é de todo certo que a loucura tenha esperado, recolhida em sua imóvel identidade, o aperfeiçoamento da psiquiatria a fim de passar de uma existência obscura para a luz da verdade. Não é inquestionável também, por outro lado, que era à loucura, ainda que de modo implícito, que se dirigiam as medidas de internamento. Não é inquestionável, enfim, que, ao refazer no limiar da era clássica o gesto bem amigo da segregação, o mundo moderno tenha desejado eliminar aqueles que — quer mutação espontânea, quer variedade da espécie — manifestavam-se como a-sociais²².

Este movimento da sociedade pode ser reconhecido como um gesto criador da alienação como dito por Foucault, a busca incessante pelos a-sociais, pela limpeza das cidades, um gesto que isola o indivíduo desempregado, pobre, estranho, o transforma num sujeito irreconhecível, um sujeito que não reconhece mais a sua própria imagem diante do espelho, este gesto cria a alienação e ao criar um sujeito alienado, transforma-lo em louco, esta num liame muito estreito.

A loucura desempenha um papel fundamental na sociedade que criava um papel não apenas negativo, que exclui, mas um papel positivo o da organização. A loucura possibilitou a sociedade pensar em sua organização social. A alienação dá a estes ambientes a homogeneidade que outrora não era possível, todos de alguma maneira são alienados, ou pelo menos são considerados alienados. Temos exemplos de indivíduos que injustamente eram considerados alienados, como os mágicos, alquimistas, feiticeiros, ou qualquer indivíduo que praticava alguma forma de profanação, ou admitia alguma forma explícita de sexualidade, podia nestes sentidos dar margem a diversas interpretações e ser considerado em algum momento alienado, a-social. De tal modo que “todas dizem respeito à sexualidade em suas relações com a organização da família burguesa, seja na profanação em seus relacionamentos com a nova concepção do sagrado e dos ritos religiosos, seja na "libertinagem””²³.

A criação da ideia da loucura vem caminhando juntamente com o desenvolvimento da sociedade, e uma sociedade, extremamente religiosa, e ligada a todas as questões sacras, leva a criação e o desenvolvimento desta ideia de loucura ligada ao pecado, o que acaba

²² FOUCAULT, 2005, p. 81

²³ FOUCAULT, 2005, p. 84

por tornar o sujeito até então a-social com um sentimento de culpa que corrói seus pensamentos. Este sentimento de culpa da legitimidade para o sujeito ser internado e passar por todos os sofrimentos deste internamento, é uma um gesto que pune e cura, faz o bem fazendo o mal. Todos estes intentos, como chicoteadas, medicamentos, sacramentos, e penitências tem a intenção de purificar o sujeito a-social, para que sua alma não seja punida. E então “após ter acertado as contas definitivamente com Deus, o paciente é declarado curado e mandado embora”²⁴. Tem se a ideia de castigar o corpo para que a alma não padeça.

Esta nova indulgência para com a sexualidade, acaba e o que era aceito na Renascença, passa agora para o interdito. Sob diversas maneiras amor e loucura se dividem, amor no sentido racional, sacro, e o desatino ligado à loucura e a homossexualidade passa a fazer parte deste último. Assim a psicanálise começa a discernir discursos nos quais estão presentes falas em que todo o tipo de loucura tem um fundo de sexualidade perturbadora. Isso esta muito ligado a uma sociedade erigida em bases sacras, nas quais a sexualidade só tem um propósito, logo outros fins para a sexualidade levariam ao pecado, a loucura, a atos a-sociais, que devem ser interditados. “Não é mais o amor que é sagrado, mas apenas o casamento, e diante do tabelião: Fazer amor só com o contrato de casamento”²⁵.

O internamento foi colocado pela monarquia absolutista a favor da família burguesa. Já no século XIX os conflitos familiares passam a interessar apenas à família, não mais a uma sociedade interira, como uma causa universal. O que se percebe é que ao longo dos tempos a sociedade vai se desenvolvendo, mais a um rigor religioso, e é este rigor religioso, que dita às regras que os indivíduos devem seguir, com mais ou menos força a igreja sempre esteve presente e ditando de muitas formas como a sociedade deve se desenvolver, e para onde deve ir. Como Karl Marx diria mais tarde “a religião é o ópio do povo”.

Entre os muitos sujeitos que são considerados a-sociais, e acabam sendo excluídos do convívio social, e internados nestas casas de correção, hospícios, asilos, entre outros, temos também os suicidas, que não são vistos com bons olhos pela sociedade. A tentativa de

²⁴ FOUCAULT, 2005, p. 86.

²⁵ FOUCAULT, 2005, p. 91.

suicídio significa uma desordem na alma, que deve ser punida com coação. Até então esta ‘coação’ era a morte, agora não mais os pune com a morte, e sim o internamento, um regime que impede-os de qualquer tentativa futura suicida. Percebo assim esta ação como outra forma de criar a loucura e o louco, um indivíduo com problemas passa a ser tratado como anormal, logo, perde o domínio de suas ações e a loucura toma conta de si.

“O mundo das operações onde se defrontavam perigosamente o sagrado e o profano desaparece; está nascendo um mundo onde a eficácia simbólica se reduz a ilusórias imagens que ocultam mal a vontade culpada”²⁶. A feitiçaria, a mágica e outras artes durante algum tempo foram vistas e julgadas como sacrilégios contra a religião e a ordem social, mas agora não mais são ligadas a profanação, apenas são ilusionistas e seus ingênuos.

A libertinagem deslizou agora para o lado da insanidade. Fora de um certo uso superficial da palavra, não há no século XVIII uma filosofia coerente da libertinagem; esse termo só será encontrado e utilizado de modo sistemático nos registros dos internamentos. E o que ele então designa não é exatamente o livre pensamento, nem exatamente a liberdade de costumes, mas, pelo contrário, um estado de servidão no qual a razão se torna escrava dos desejos e servente do coração²⁷.

A ideia da loucura toma conta da Europa e deixa toda uma população de indivíduos doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos, feiticeiros e mágicos, reclusos em campos fechados de loucura e alienação. A loucura recebe ao longo da história um poder que se reveste e que toma conta de uma sociedade martirizada, na qual segue uma conduta sacra e identificar indivíduos ímpios e delinquentes. Aqui temos uma sociedade que alienou muitos de seus habitantes, agora ela esta alienada por estes mesmo motivos. Desta maneira “(...) numa cultura da qual desapareceu há muito tempo a presença do sagrado, encontra-se por vezes um apego mórbido à profanação”²⁸. E esta dessacralização da loucura da à mesma certa neutralidade.

²⁶ FOUCAULT, 2005, p. 97.

²⁷ FOUCAULT, 2005, p. 101

²⁸ FOUCAULT, 2005, p. 106.

Como a criminalidade fascinou o homem moderno, podemos dizer que as neuroses e loucuras criadas pelo homem clássico tenham a ele também exercido certo fascínio e domínio de seus atos. Esta enlouquencia do homem que criou a loucura, e foi por ela dominado. A partir daí determinar ou classificar os habitantes destes lugares de refúgios de si, torna-se uma tarefa extremamente insana, seriam estes indivíduos vítimas ou doentes.

No momento em que este espaço destinado ao tratamento dos alienados, recebe um indivíduo com por exemplo, Marquês de Sade, e não consegue trata-lo, desta suposta alienação, o entendimento que se tem loucura passa a correr riscos e transições. Determinando e afirmando a criação da loucura, de um sujeito, que a própria sociedade que o criou não é mais capaz de domina-lo, e é sodomizada por ele, a criação que toma conta do criador.

1.2 O destino da loucura e por quais caminhos ela andou.

Como a loucura se comporta na sociedade que a criou, não há de se prever, e talvez por não termos conhecido profundamente nossa criação fomos tragados por ela, e ela tomou as formas de um leviatã, e dominou a sociedade. A procura de um culpado, e de compreender onde foi que erramos, não deve ser a busca incessante desta sociedade. Tende-se de compreender que em mais ou menos cento e cinquenta anos de internamento haverá de se ter enclausurado indivíduos singulares que necessitavam apenas de outro tipo de atenção que não fosse o internamento.

A ‘descoberta’ da loucura ofereceu a sociedade um mecanismo de isolar os indivíduos que não eram bem-vindos no convívio social, os chamados neste caso de furiosos, sem especificar se é criminoso ou doente. Há casos em que a família manda o filho para este tipo de internamento, quando não consegue controlar a fúria do indivíduo, este foi um problema para um futuro próximo, pois a partir do momento em que este passa a conviver com indivíduos destituídos de sanidade, e que realmente são necessitados de internamento, este internado pela fúria pode passar a necessitar de outros tratamentos. Assim: “Esse poder tem um sentido positivo: quando os séculos XVII e XVIII internam a loucura pela mesma razão que a devassidão ou a libertinagem, o essencial não é que ela seja

desconhecida como doença, mas que seja percebida sob outra perspectiva”²⁹.

A ausência de cuidados médicos, dentro destes espaços de internamento aproxima e muito estes ambientes de uma prisão. O mundo da loucura não era homogêneo na Era Clássica, e o tratamento que se devia ter para com eles ainda não era conhecido, logo, julgar e condenar um povo pela criação ou pelos maus tratos dados a indivíduos aparentemente com atitudes que os tornavam desconhecidos, pode ser precipitado, pois estes não sabiam com que tipos de indivíduos estavam lidando.

O internamento não vem com o objetivo de curar o sujeito a-social, mas antes de tudo, fazer com que este mesmo se arrependa de suas atitudes, e em um prazo fixado, que pode ser estendido se assim for determinado que este indivíduo necessite de mais tempo para se arrepender e entrar nos limites que a sociedade estabelece. Estabelecer a criação da loucura pode ser um fardo que a sociedade não esta preparada para suportar, pelo menos não a sociedade da Era Clássica. Desta maneira: “para os médicos, é importante e reconfortante poder constatar que sempre houve alucinações sob o sol da loucura, delírios nos discursos do desatino, e reencontrar as mesmas angústias em todos esses corações sem repouso”³⁰.

Mas quis o destino, infelizmente, que as coisas fossem mais complicadas. E, de um modo geral, que a história da loucura não pudesse servir, em caso algum, como justificativa e ciência auxiliar na patologia das doenças mentais. A loucura, no devir de sua realidade histórica, torna possível, em dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental; mas não é este conhecimento que forma a verdade desta história, animando-a secretamente desde sua origem. E se, durante algum tempo, pudemos acreditar que essa história se concluía nele, é por não ter reconhecido nunca que a loucura, como domínio de experiência, se esgotava no conhecimento médico ou paramédico que dela se podia extrair. No entanto, o próprio fato do internamento poderia servir como prova disso³¹.

²⁹ FOUCAULT, 2005, p. 112.

³⁰ FOUCAULT, 2005, p. 118.

³¹ FOUCAULT, 2005, p. 119.

Muito antes de ter recebido o estatuto médico o louco já havia adquirido um constructo pessoal. A loucura passa a ter na sociedade outra consciência, ou melhor, a ter uma consciência que antes não tinha estes sujeitos agora são vistos com outros olhares, desta maneira “o reconhecimento da loucura no direito canônico, bem como no direito romano, estava ligado a seu diagnóstico pela medicina. A consciência médica estava implicada em todo julgamento sobre a alienação”³².

Estabelece-se agora um problema, que é o acordo pelo qual a loucura é reconhecida como doença ou não. A partir destes pressupostos é possível questionar os comportamentos humanos e determinar em que medida se pode atribuí-las à loucura.

Os poderes de decisão são entregues ao juízo médico: apenas ele nos introduz no mundo da loucura. Apenas ele permite que se distingam o normal do insano, o criminoso do alienado irresponsável. Ora, a prática do internamento está estruturada segundo um outro tipo: de modo algum ela se pauta por uma decisão médica. Depende de outra consciência. A jurisprudência do internamento é bastante complexa no que respeita aos loucos³³.

Entre o que esta escrito e o que realmente acontece sobre os internamentos dos chamados loucos, existe uma fronteira difícil de ultrapassar, pois envolve governos diversos e políticas distintas. Mas como a sociedade tem certo poder sobre quem é ou não louco, ou que pelo menos será julgado como, a sensibilidade social é extremamente fundamental definir a perímetro entre o criminoso e o insano. De tal modo que aos poucos vai tirando o poder do médico para o internamento, e socializando – o cada vez mais o reconhecimento da loucura.

O sujeito se desprende de suas culpabilidades na medida em que é um alienado. Deste modo a jurisprudência estudará cada vez mais a loucura e suas formas, e é através desta forma jurídica de alienação que a ciência médica forma seus esboços sobre as doenças mentais. “Ela admitirá como algo já estabelecido e provado o fato de que a alienação do sujeito de direito pode e deve coincidir com a loucura do homem social (...)”³⁴.

³² FOUCAULT, 2005, p. 125.

³³ FOUCAULT, 2005, p. 127.

³⁴ FOUCAULT, 2005, p. 131.

A presença desta jurisprudência na história da loucura traz alguns ganhos para os loucos, pois é a partir destes entreatos que o louco passa a ser tratado como um ser humano. “O internamento do homem social preparado pela interdição do sujeito jurídico significa que pela primeira vez o homem alienado é reconhecido como incapaz e como louco”³⁵.

De tal forma que podemos perceber que na era clássica o loucura foi entendida de duas formas, uma pelo sujeito de direito, que tem o reconhecimento jurídico, de suas incapacidades. E o outro que é o homem social cercado pelas práticas sociais de interdição. “De fato, as fórmulas de internamento não pressagiam nossas doenças; elas designam uma experiência da loucura que nossas análises patológicas podem atravessar sem nunca levá-la em conta na sua totalidade”³⁶.

Michel Foucault nos mostra o que mais tarde chamaríamos de ‘loucura moral’, uma loucura que surgirá sobre o erro ético, moral, de análise e interpretação dos males de uma sociedade. Este erro liga à loucura, o desatino, a alienação, o maléfico, e assenta-o sobre bases muito delicadas. A partir desse efeito maldoso a loucura passa a frequentar o liame entre o desatino e o crime, elas não se confundem, mas não excluem uma a outra. O sujeito pode ser um pouco mais insano, ou um pouco mais criminoso, mas a fragilidade esta presente em ambos, o que muda é a perspectiva da fragilidade e da maldade. Michel Foucault usa uma metáfora para tornar visível este tipo de loucura, nos diz que é um tipo de “exorcismo bem sucedido”.

E quando colocamos a maldade para ser examinada, ela pode vir com muita ou com pouca intensidade, pode ser perversa ou delicada, não importa se tem apenas a intenção de parecer louco, ou se realmente o é. Quando o indivíduo se dispõe a parecer insano, esta atravessando a fronteira da sanidade, e para juntar-se ao campo dos loucos, o limite é muito estreito, desta forma ambos merecem o mesmo tratamento. De tal modo a “recusa da loucura não será mais uma exclusão ética, mas sim uma distância já concedida; a razão não terá mais de distinguir-se da loucura, mas de reconhecer-se como tendo sido sempre anterior a ela, mesmo que lhe aconteça de alienar-se nela”³⁷.

Essas narrativas carregam a ilusão de crermos que a loucura finalmente recebeu seu estatuto de humanidade, que a sociedade

³⁵ FOUCAULT, 2005, p. 132.

³⁶ FOUCAULT, 2005, p. 135.

³⁷ FOUCAULT, 2005, p. 143.

compreendeu seu problema, e vai aprender a trata-la, mas esta ilusão é utópica, pois a mesma sociedade passara ainda por muitas peripécias até chegar ao dia em que irá compreender a complexidade que envolve o enigma da loucura, a compreensão desta doença, ou deste estado de espírito independe apenas do louco, ou do sadio. Do mesmo modo que “não há margem para tratar-se a loucura "humanamente", pois ela é, de pleno direito, inumana, formando por assim dizer o outro lado de uma escolha que possibilita ao homem o livre exercício de sua natureza racional”³⁸.

A sociedade há muito tempo tem uma divisão clássica entre o homem e o animal, a ideia de uma sociedade com bases cristãs, não nos deixa imaginar que o homem possa ter vindo do macaco, mas que um ‘Deus’ imaginário criou o mundo e o homem em sete dias. Pura ilusão que coloca o homem num patamar de poder que talvez ele não saiba como tratar. Nesta clássica divisão a loucura toma seu espaço, mas não entre os homens, não como uma doença a ser tratada, mas como algo animal, que deve ser abolido, excluído do convívio social, caráter bestial. O lado negativo deste caráter bestial que se infringiu a loucura é a violência que passa a ser desencadeada contra os classificados como loucos, o modo como os asilos, casas de correção e hospícios são erguidos e guiados, com forças tão fortes quanto as que fecham um prisioneiro.

Deste modo:

Respeitar a loucura não é decifrar nela o acidente involuntário e inevitável da doença; é reconhecer esse limite inferior da verdade humana, limite não acidental mas essencial. Como a morte é o fim da vida humana no plano do tempo, a loucura é o fim da vida no plano da animalidade. E assim como a morte foi santificada pela morte de Cristo, a loucura, naquilo que tem de mais bestial, foi também santificada³⁹.

Toda esta narrativa, e esta luta da loucura pelo seu reconhecimento como uma patologia, e que como tal devia ser tratada, foge desses caminhos que levavam à loucura a animalidade. O que auxiliou esta a se por no caminho para a busca de seu reconhecimento patológico, foi exatamente seu isolamento, fugindo da moralidade que envolvia a cidade, que a loucura se aproximava de seu estatuto de

³⁸ FOUCAULT, 2005, p. 144.

³⁹ FOUCAULT, 2005, p. 157.

patologia, e podia alçar um reconhecimento social, dos problemas que ela carrega.

Desde a renascença até meados do século XIX, que a sociedade não tem a ideia de como distinguir as doenças que podem surgir da loucura, temos o desatinado, o melancólico, o maníaco, o demente, o histérico, e até o hipocondríaco, sem contar as que agora não se fazem presentes na memória. E esta falta de distinção se tornou um grande problema ao longo da história da loucura que foi se construindo nestas bases confusas e nada distintas, logo o ambiente que recebia estes indivíduos não atendia as necessidades de cada subjetividade, de tal modo que distinguir o ‘louco’ necessitava conhecimento que o homem deste tempo não tinha.

É preciso reduzir a loucura ao silêncio. Se reduzir ao conhecimento e ao reconhecimento da loucura. Quem é este louco? Como o reconhecer em meio a multidão? O que tem o louco de singular que o faz identificar-se entre tantas outras pessoas? Esta multidão confusa, que não sabe identificar, diferenciar quem é quem em meio a tantos rostos que podem ser loucos. O homem neste momento tenta usar da razão para se livrar dos conflitos que se fazem presentes em torno destas questões loucas.

A loucura se deslocou imperceptivelmente para o lado das razões, antes ela estava mais ao lado do raciocínio que suprime a razão. Agora passou para o lado de uma razão silenciosa. “A natureza da loucura consiste em ser uma secreta razão — pelo menos, em não existir a não ser para ela e por ela, de só ter no mundo uma presença preparada antecipadamente pela razão e já alienada nela”⁴⁰.

O louco é louco em relação aos outros. A loucura busca na subjetividade de seus detentores, sua racionalidade, que vem de encontro ao reconhecimento da mesma como uma doença, uma patologia. A busca de um novo espaço, que passe da subjetividade coletiva a individualidade singular, sendo aí alcançado o título de doença, agora também habitando um novo espaço, logo esta se insere nesta nova modalidade de saber, de reconhecimento e de conhecimento. Que não significa um novo tipo de loucura, mas sim um novo tipo de pensamento coletivo, uma nova forma de interpretar esta patologia, que há muito tempo foi considerada o mal da humanidade.

⁴⁰ FOUCAULT, 2005, p. 179.

1.3 O internamento e suas práticas

Este reconhecimento e conhecimento da loucura como uma patologia nos apresenta um novo cenário que se forma, pois se ela é uma doença, logo deve ter cura, ou ao menos, deve se buscar uma cura, um alívio para esta dor social. Neste novo cenário o médico tem papel fundamental, pois é ele que vai manipular esta doença e torna-la de certa forma um incômodo social.

Obstáculos encontrados na naturalização da loucura, o modo como a sociedade foi se naturalizando com seus processos, como ela foi absorvendo a loucura em seu dia-a-dia. Michel Foucault já nos dizia que a loucura é uma doença da alma e do espírito, quando o corpo padece a alma entende, mas quando a alma é martirizada o corpo não compreende, e pode chegar à loucura. De modo que a prática do internamento é uma medida que consente nos homens de bem o julgamento da loucura, um julgamento que resolve no isolamento e em afastar o indivíduo um tanto quanto singular, do convívio coletivo.

A prática do internamento e da hospitalização desde muito não estiveram associadas, internava-se qualquer um, pobre, mendigo, doente, violento, mas estas práticas de internação não estavam ligadas a um problema que deveria ser resolvido no internamento, esta prática estava a muito ligada a religião, então o internamento era um período para o indivíduo pensar e refletir sobre os problemas que estava causando na sua comunidade. Logo a presença de médicos, não era muito frequente, de tal modo que com a crescente compreensão da loucura como uma patologia, os médicos começaram aos poucos a serem inseridos, mas esta inserção foi lenta e não muito efetiva. E o trabalho médico gira em torno de uma panacéia, ou seja, uma cura para todos estes males que pairavam sobre a sociedade da época. E é na era clássica que a ideia de cura toma corpo e forma, passa a suprimir a panacéia, e os médicos começam a remediar as etapas visíveis da loucura, ela passa parte por parte a ser vencida. Como fases a serem superadas.

“Agora a terra do internamento adquiriu poderes próprios, tornou-se por sua vez terra natal do mal, e doravante vai poder espalhar-se por si mesma e fazer reinar um outro terror”⁴¹. É o

⁴¹ FOUCAULT, 2005, p. 353.

reaparecimento do louco, na paisagem social, em meio à sociedade, ele reaparece, adquiriu poderes e quer se fazer compreender por estes poderes adquiridos. A nova presença dos loucos na paisagem coletiva, logo cresce e cria novos horrores, e horrores imaginários, muito mais difíceis de serem vencidos, do que os reais, tanto se falou que agora a loucura, toma seu lugar de rejeitada da sociedade novamente. De tal modo que:

Assusta-se com um mal muito misterioso que se espalhava, diz-se, a partir das casas de internamento e logo ameaçaria as cidades. Fala-se em febre de prisão, lembra-se a carroça dos condenados, esses homens acorrentados que atravessam as cidades deixando atrás de si uma esteira do mal. Atribui-se ao escorbuto contágios imaginários, prevê-se que o ar viciado pelo mal corromperá os bairros habitados. E novamente se impõe a grande imagem do horror medieval, fazendo surgir, nas metáforas do assombro, um segundo pânico. A casa de internamento não é mais apenas o leprosário afastado das cidades: é a própria lepra diante da cidade⁴².

O medo fantasiado espalha-se rapidamente como uma ameaça carregada de valores perniciosos, e os habitantes das cidades sentem-se cada dia mais impregnados de podridão, que a loucura traz em seus ares. Portanto não é no pensamento médico que a doença enfrenta seus maiores perigos, mas em saber-se em que medida ela é um delírio patológico, ou uma realidade maléfica que tomava conta das cidades. O medo diante do isolamento, da relação que a loucura vai aos poucos se apropriando da cidade. Experiência sem conhecimento é a relação da loucura com as comunidades, os indivíduos acabam por terem experiências quase sempre traumáticas com os loucos, e não a conhecem, não a reconhecem em profundidade, seus males, suas falhas, suas necessidades, deste modo sem conhecer e experimentando este gosto amargo, quer-se afastar dela, quer-se ela afastada da comunidade.

A loucura começa a tomar novas formas, os mendigos, os pobres passam a não formar mais o time louco desta era, entende-se que a miséria e os problemas que ela pode causar numa sociedade, não dependem essencialmente do indivíduo, mas de um conjunto social,

⁴²⁴² FOUCAULT, 2005, p. 353.

que a muito tempo estava me crise. O uso que a sociedade faz deste pobre liberto do internamento, acaba por coloca-lo de certa forma em outro tipo de aprisionamento, estamos falando das ideias contrárias ao marxismo. A riqueza de uma sociedade liberta o indivíduo de um lugar fechado e o aprisiona em liberdade, pois agora sua força de trabalho esta aprisionada na era capitalista. Destarte aos poucos o espaço social no qual se situa a doença se vê assim inteiramente renovado.

Agora liberta de seus antigos fantasmas. A loucura presencia uma solidão que aos poucos a isola novamente, a emudecendo cada dia mais. A sociedade se transforma o homem passa a ter novos direitos, novos deveres, e a loucura começa a assumir formas modernas. E estas formas modernas encontram no internamento a maneira de aflorar suas verdades mais profundas. E a partir de então o internamento recebe o carta de nobreza médica, e torna-se lugar de cura.

Todos estes pensamentos em torno da loucura e do internamento nos fazem pensar em como a liberdade é essencial na vida de indivíduo, mas esta liberdade deve ser sentido, usufruída, liberdade do corpo e da alma. Deste modo “a liberdade do louco só existe nesse instante e nessa imperceptível distância que o tornam livre para abandonar sua liberdade e acorrentar-se à sua loucura”⁴³. A compreensão da liberdade pelo louco, passa pelo crivo da sociedade, antes livre, corpo livre, mas alma aprisionada, agora isolado no internamento tem sua alma livre e seu corpo aprisionado, logo a loucura pode ser um duelo entre liberdade do corpo e da alma.

“Mas o louco desvenda a verdade terminal do homem: ele mostra até onde puderam levá-lo as paixões, a vida em sociedade, tudo aquilo que o afasta de uma natureza primitiva que não conhece a loucura”⁴⁴. A loucura passou ao longo da história inalando um mau cheiro em toda a sociedade, pois sua presença mostrava ao homem sadio o quanto sua verdade era profunda, até onde o homem pode chegar, tendo seus limites testados. Assim ainda como dito em Foucault “a doença apaga, mas sublinha; abole de um lado, mas é para exaltar do outro; a essência da doença não está somente no vazio

⁴³ FOUCAULT, 2005, p. 506.

⁴⁴ FOUCAULT, 2005, p. 512.

criado, mas também na plenitude positiva das atividades de substituição que vem preenche-lo⁴⁵.

A cura do louco esta na razão do outro.

Referencias bibliográfias

ERIDON, Didier. Michel *Foucault uma biografia por Didier Eribon*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

VEYNE, Paul. *Foucault o pensamento a pessoa*. Tradução Luís Lima. 1ª Ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, nº 49, p. 11-31, 2005.

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975, p. 16.